

Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático!), urgia regressar a todas essas questões – para tentar pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo?

Para tentar responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou, entre Novembro e Dezembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), a primeira série dos *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados *on-line* e transmitidos pelo *youtube*. O primeiro libreto da sequência *Materiais para a Salvação do Mundo* inclui os textos dos quatro seminários, pela ordem em que foram apresentados.

Assim, no ensaio “Falhar melhor” tento sistematizar algumas acepções da palavra “salvação”, em clave teológica, política, filosófica ou literária, para demonstrar por que motivo o mundo está salvo antes de qualquer salvação; em “Algumas notas para a salvação do mundo”, Rosa Maria Martelo denuncia a hiperindustrialização e a obsessão da produtividade em pleno Antropoceno – ou Capitaloceno –, contrapondo-lhes a ideia de abrandamento e uma nova relação com o mundo natural, inspirada por tradições indígenas brasileiras; partindo também de cosmovisões ameríndias, Patrícia Lino, em “Manoel de Barros e a poética do *rewind*”, encontra no autor de *Compêndio para Uso dos Pássaros* uma poética de resistência à colonização e uma reinvenção lúdica da vida; e Ana Paula Coutinho, em “O olhar de Medusa e a reparação do mundo”, contrapõe à ideia de salvação a ideia de reparação, numa abordagem da memória e da imagem – que termina com um *portfolio* de fotografias, ou de mundos reparados.

Pedro Eiras